

A palavra sábia na hora do aperto

7 AGO 1981

Nos momentos difíceis — e certamente estamos vivendo um deles —, costuma-se dar maior atenção aos conselhos dos sábios do que em tempos de vacas gordas, quando são desdenhados por parecer conservadores... Compreende-se, pois, que os conceitos emitidos pelo professor Octávio Gouvêa de Bulhões encontrem hoje maior ressonância do que há alguns anos. É nos momentos de crise, como este, que se percebe melhor o valor e a judiciosidade dos seus conselhos.

Ninguém ignora a gravidade da situação econômica em que hoje se encontra o País. Os simples dados sobre o desemprego assustam, pois, no Brasil, à diferença do que ocorre nos países abastados e prósperos, o operário que perde seu emprego está condenado a morrer de fome. Mas, embora seja fácil diagnosticar esse mal, não é tão fácil prescrever a terapia capaz de extirpá-lo. Temos de reconhecer que, diante dos problemas do momento, gravados de

erros que se acumularam ao longo de muitos anos, a orientação geral do governo está no rumo certo. Como, então, conciliar a política de compressão do crédito da moeda com a sensibilidade social, que constitui um dos predicados necessários daqueles a quem compete dirigir os destinos da economia nacional?

Há quem pense que o ex-ministro da Fazenda se regozija com este regime de austeridade que ele sempre propugnou. É esta uma visão simplória e grotesca de seu modo de ver as coisas. Na verdade, o professor Bulhões acha-se, como muitos, preocupado com a situação, e não crê que uma aguda recessão seja o meio de resolver os problemas atuais. Ele julga necessário imprimir novo impulso à economia.

Não preconiza, entretanto, medidas mágicas, nem simplistas, e proclama, com a mesma ênfase de outrora, a necessidade de manter-se arrochado o crédito. Aliás, esta posição se coaduna perfeitamente com

as vistas de quem sempre profligou, como um grande mal, os excessos de endividamento das empresas, seja no Brasil, seja em outros países. A seu ver, a situação atual decorre do fato de as empresas, por se verem grandemente endividadas, não mais terem condições de lutar contra a inflação, nem de efetuar investimentos. Considera ele que, se se facilitasse o crédito, os problemas se agravariam. Em sua opinião, o que se deve fazer é fomentar os recursos próprios das empresas, para que estas, reduzindo seus custos, possam baixar seus preços (eis a melhor forma de combater a inflação evitando a recessão) e fazer investimentos, isto é, criar empregos. Por isso, advoga uma política de estímulo à emissão de ações, análoga à que preconizava em relação ao uso dos recursos do PIS-Pasep.

No presente momento, a medida mais recomendável, segundo o professor Octávio Gouvêa de Bulhões, seria a extinção do Imposto de Ren-

da das pessoas físicas. O objetivo dessa medida não seria aprofundar o déficit do Tesouro, pois ele considera que, ao contrário, os fundos deste devem ser fortalecidos. Por isso recomenda, por um lado, que sejam pesadamente taxados os rendimentos provenientes de aplicações em títulos de renda fixa (destinados a incrementar os empréstimos) e, por outro, que os rendimentos provindos de ações sejam submetidos ao princípio de tributação progressiva. Os lucros das empresas não seriam taxados nas empresas, mas nas pessoas físicas que auferem dividendos. Deste modo, seria possível fortalecer os recursos próprios das empresas, baixar os preços e dar expansão aos investimentos.

A proposta do professor Bulhões é simples, sem ser simplória, e digna, a nosso ver, da atenção das autoridades monetárias, que certamente percebem a gravidade da tensão social que hoje atassalha o País.